

Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no largo António Jacinto em Luanda

Alexandre Sebastião dos Santos Francisco¹

Resumo: O artigo analisa as representações sociais e vivências de jovens lavadores de carro no Largo António Jacinto na cidade de Luanda. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa do fenómeno social em análise. Mediante a realização de entrevistas, observação direta, e com recurso a pesquisa documental e bibliográfica. Conclui-se que com o intuito de contornar as adversidades sociais de que são alvos, os jovens projetam alternativas de subsistência, ingressando num ramo de atividade económica, sem limitações burocráticas, onde não há um controlo rígido das autoridades, e sobretudo que permita a sua sobrevivência e de seus dependentes. Outrossim, a realidade dos lavadores de carro, evidencia, de igual modo, o descaso daqueles que têm o dever de propiciar as melhores condições de vida para os jovens.

Palavras-chave: Lavador de carro; representações sociais; estratégias quotidianas.

Everyday social representations and strategies of young car “washers” on the António Jacinto largo in Luanda

Abstract: The article analyzes the social representations and experiences of young car washers at Largo Antonio Jacinto in the city of Luanda. The research adopts a qualitative approach to the social phenomenon under analysis. Through interviews, direct observation, and using documentary and bibliographic research. It is concluded that in order to circumvent the social adversities of which they are targets, young people design alternative livelihoods, entering a branch of economic activity, without bureaucratic limitations, where there is no strict control by the authorities, and above all that allows their survival and dependents. Furthermore, the reality of car washers also shows the neglect of those who have a duty to provide the best living conditions for young people.

Keywords: Car washer; social representations; everyday strategies.

¹ Licenciado em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (UAN), sob a orientação do Prof. Dr. Orlando Santos. Contato: Avenida Ho Chi Minh N56, Luanda, Angola - Faculdade de Ciências Sociais, Município de Belas, Luanda. E-mail: quaresmaalexandre5@gmail.com.

Nota preliminar

Angola é um país que ficou marcado pelas guerras que o assolaram durante várias décadas. As marcas deixadas pela guerra desencadearam uma série de problemas políticos, econômicos e sociais, que tornaram o Estado incapaz de satisfazer as necessidades das populações, numa altura em que o país se deparou com uma profunda crise socioeconômica.

O contexto onde ocorreram estas transformações sociais caracterizou-se pelo rápido crescimento da população e do espaço ocupado pelos musseques². Estima-se que em Luanda vivam mais de 6 milhões de pessoas, o que representa pouco mais de um quarto (27%) da população do país³, sendo muitas vezes referidos valores próximos dos 8 milhões. As causas deste crescimento prendem-se essencialmente com, por um lado, a deslocação das populações de outras províncias para Luanda, devido à guerra que afetou fortemente essas localidades do país, por outro, com a atração que a cidade capital continua a exercer em termos de oportunidades.

Neste contexto, a insegurança e o bem-estar social encaminharam para a cidade capital um grande número de pessoas, provenientes dos mais variados pontos do país, onde se destacam os jovens, com sonhos, perspectivas e objetivos de iniciar uma atividade laboral rentável.

O movimento migratório, vinculado a incapacidade do Estado e do setor privado em gerar emprego formal, associada ao excesso de população residente nos bairros de Luanda (LOPES, 2000; SANTOS, 2010; CARVALHO, 2002), constituíram um dos principais fatores para o surgimento de grupos e famílias vivendo da informalidade.

Historicamente, os marcos do surgimento da lavagem de carro, enquanto atividade dentre as demais que compõe o mercado informal de trabalho, datam aos anos de 1990. Altura em que se desenvolveu rapidamente em resposta aos bloqueios provocados pelo sistema de direção central e planificada da economia no período pós-independência (DUCADOS; FERREIRA, 1998).

Esta atividade, tal como outras, emergiu em resultado deste bloqueio, como uma alternativa de sobrevivência, principalmente para aqueles que não possuíam emprego no setor formal em consequência das transformações sociais e econômicas ocorridas na época.

² Musseques, grafia aportuguesada, é um termo originário do Kimbundo *mu* (onde) *seke* (areia), significa terreno arenoso, "onde há areia", que indica as zonas de areias avermelhadas, situadas no planalto de Luanda, capital de Angola. O termo serve para designar zonas residenciais que se formam em torno do centro urbano de Luanda, servindo de refúgio dos pobres, a exemplo das favelas cariocas.

³ O censo de 2014 aponta que a província de Luanda é a mais populosa com 6 945 386 de habitantes na cidade (INE, 2016).

Diante do quadro já apresentado, o presente artigo traz à discussão reflexões resultantes da pesquisa elaborada no âmbito da conclusão do curso de licenciatura em Sociologia, cujos interesses principais estiveram pautados na relação entre grupo, indivíduo e o meio social, no contexto das representações sociais e vivências de jovens que se dedicam a lavagem informal de carros no Largo António Jacinto, em Luanda.

No que toca aos objetivos do trabalho, destacam-se: conhecer os trajetos socioprofissionais dos jovens; captar representações sociais e práticas quotidianas; identificar os motivos que estimulam a inserção atividade de lavagem de carros.

Motivações pessoais e sociais estiveram na base da escolha desta temática. A primeira emergiu da necessidade de conhecer as dinâmicas sociais bem como os significados que os jovens lavadores de carros atribuem as suas vivências no meio social. A segunda surgiu em função de se verificar que a economia informal continua a ser a principal fonte de sobrevivência da maior parte da população luandense. Isto devido, sobretudo, às grandes dificuldades que o Estado angolano tem tido em projetar políticas públicas eficazes de empregabilidade à população economicamente ativa. O tema deste estudo tem a sua relevância por abordar, numa perspectiva sociológica, uma realidade pouco explorada a nível das Ciências Sociais.

Para execução da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa. A escolha desta abordagem se deve ao fato de ser um método que preocupa-se com aspetos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Por ser um método que tem por finalidade especial observar, descrever e compreender o significado dos fatos sociais. Esta análise tem como recurso metodológico procedimentos qualitativos de pesquisa que, pela natureza dos objetivos, foram privilegiadas as técnicas de entrevista e a observação direta.

Para operacionalização da parte empírica da pesquisa, selecionou-se um espaço com grande fluxo de lavadores, que pudesse servir como campo da análise empírica, e a escolha recaiu sobre o Largo António Jacinto. Trata-se de um espaço que congrega várias instituições, localizado no distrito urbano da Maianga, município de Luanda. Anteriormente, foi designado de Largo dos Ministérios, porém, em 2005, ganhou a denominação de Largo António Jacinto, em homenagem ao poeta, revolucionário e primeiro-ministro da educação e cultura do governo da Angola independente [1975-1978], António Jacinto do Amaral Martins.

Este espaço acolhe diariamente um grande número de pessoas, estando inserido no mesmo aproximadamente 30 lavadores, sendo todos do sexo masculino. Escolheu-se o referido local, por um lado, pela sua fácil acessibilidade, e também, por considerar ser um dos principais

centros de lavagem de carro em Luanda. Por outro lado, pelo fato de congregarem jovens lavadores das diferentes regiões de Luanda.⁴

A pesquisa de terreno foi desenvolvida num período de dois meses, de dezembro de 2017 a janeiro de 2018. Normalmente, a incursão no terreno iniciava às 06 horas da manhã e terminava às 03 da tarde.⁵

O artigo está estruturado em três partes. A primeira sintetiza o debate em torno das representações sociais, em um diálogo concebido através da análise documental e bibliográfica sobre a temática. A pretensão aqui é trazer à tona os principais aportes teóricos para a compreensão do fenômeno em estudo, por intermédio da discussão estabelecida entre as diferentes perspectivas, para uma melhor observância da realidade em estudo. Na segunda parte, enfatiza-se a questão das estratégias quotidianas de sobrevivência, por constituírem um conjunto de mecanismos adotados pelos indivíduos que operam na economia informal. No terceiro, e último ponto, apresenta-se uma discussão com dados referentes à origem social, trajetória de vida e estratégias quotidianas, representações sociais e relações de sociabilidades.

O debate em torno das representações sociais

A apresentação do diálogo entre as diferentes perspectivas sobre uma determinada teoria ou conceito é imprescindível para que se compreenda a essência do que é estudado, sendo também fundamental para relacionar e contextualizar as referidas visões. Deste modo, se dá uma atenção particular à discussão em torno das representações sociais, pois é um conceito que facilita a compreensão de ideias e sentimentos de um determinado indivíduo ou grupo.

⁴ No Largo António Jacinto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os jovens lavadores. O estudo apresenta depoimentos de 9 indivíduos com idades compreendidas entre 24 e 32 anos, todos exercem a atividade de lavagem de carros. Os entrevistados são todos de nacionalidade angolana, sendo 5 da província de Benguela, 3 de Luanda e 1 da província do Kuando Kubango. As entrevistas foram gravadas com autorização prévia, mas algumas vezes foram interrompidas, na medida em que os jovens tinham que levantar-se e correr atrás dos automobilistas para persuadi-los a lavar o carro. As entrevistas foram realizadas no meio natural, ou seja, ao ar livre, porque a intenção era não interferir na rotina normal de trabalho dos jovens. Na análise das observações e entrevistas, foram realizadas leituras aprofundadas das falas e das anotações em caderno de campo. Com o intuito de salvaguardar a identidade pessoal dos lavadores que nos concederam as entrevistas, decidimos usar nomes fictícios invés dos verdadeiros.

⁵ As observações directas procuraram verificar aspetos relacionados ao quotidiano dos lavadores de carros nomeadamente: a organização do trabalho, a comunicação e linguagem utilizada, bem como as relações interpessoais estabelecidas entre os lavadores e as outras pessoas que aí frequentam. Nesta senda, o diário de campo constituiu uma ferramenta fundamental durante a realização do estudo, onde foram anotados e sistematizados todos os comentários e observações efetuadas.

Os estudos das representações sociais investigam como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade quotidiana.

As abordagens sobre as representações sociais, tanto do ponto de vista teórico como prático, não são novas. Elas remontam sobretudo, aos trabalhos de Durkheim⁶ (1980), ao formular o conceito de “*ideação coletiva*”, isto é, um processo que leva à formação de ideias e sentimentos sobre um determinado evento social.

A abordagem teórica sobre as representações sociais na perspectiva Durkheimiana, viria mais tarde a ser retomada por Serge Moscovici⁷ (1978). Nas suas obras, Moscovici pensa as representações não apenas como fatos sociais coletivos, mas como representações sociais construídas nas interações dos sujeitos.

As representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, são formadas pelo conjunto de ideias da vida quotidiana, construída nas relações estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais (MOSCOVICI, 2003, p. 113)

Os trabalhos de Serge Moscovici inauguram a sua tese sobre representações sociais e colocam o termo representações coletivas, de Durkheim, como sua fonte inspiradora. Assim, Moscovici tem como fonte inspiradora a concepção durkheimiana de representações coletivas (VIANA, 2008).⁸ Portanto, na concepção de Moscovici, a representação social não é construída apenas pela vontade da coletividade, como defendia Durkheim, mas pelas relações individuais e coletivas. Daí que, para Viana, as representações coletivas se referem às tradições, e são homogêneas, enquanto a ideia de representações sociais apresentada por Moscovici deixa evidente o seu carácter marcado pela diversidade e pelo dinamismo (VIANA, 2008).

As representações sociais podem ser definidas, nas palavras de Minayo (1994, p. 108), como “*imagens construídas sobre o real*”. Elas são elaboradas na relação dos indivíduos em seu grupo social, na ação, no espaço coletivo comum a todos, sendo assim diferente da ação

⁶ Émile Durkheim (1858-1917) é o clássico da Sociologia que primeiro trabalha de maneira explícita o conceito de representações sociais, usa o termo no mesmo sentido que representações coletivas.

⁷ O psicólogo social Serge Moscovici nasceu na Roménia, em 1928, imigrou para França em 1948, e, entre os fatos históricos marcantes de sua vida inclui-se o contexto da II Guerra Mundial. Em 1961, publicou a tese “*La Psychanalyse, Son Image, Son Public*” e propôs a Teoria das Representações Sociais como fenómeno científico interdisciplinar, que não se limita apenas as Ciências Sociais ou à Psicologia Social, mas ao conjunto de conhecimento psicossociológico. Moscovici, antigo diretor de pesquisas e professor emérito da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, faleceu em 2014 (Santos e Barros Dias, 2015).

⁸ Sobre o assunto cf. Viana (2008).

individual. O espaço público é o lugar onde o grupo social pode desenvolver e sustentar saberes sobre si próprio, saberes consensuais, isto é, representações sociais. Ainda segundo a autora, as representações sociais também podem ser analisadas em sentido mais amplo como pensamento social, são realmente indispensáveis nas relações humanas, uma vez que dão uma explicação, um sentido à realidade. Além disso, ao funcionarem como orientadoras do comportamento, possibilitam aos indivíduos comunicarem-se e compreenderem-se.

É também importante salientar a função de identidade das representações sociais, são elas que permitem construir uma identidade social do grupo, pois numa mesma sociedade existem diferentes grupos que possuem representações diferentes acerca de uma mesma realidade (como é o caso dos lavadores de carro). As representações sociais não são homogêneas dentro de uma sociedade, elas são uma forma dos indivíduos explicarem e fundamentarem as suas opiniões e comportamentos.

Os grupos sociais possuem regras, ideias e elaboram informações próprias ao longo da sua história e sob o reflexo das diferentes relações que estabelecem. Nesse processo, sua identidade se constrói, dando-lhes especificidade. Entretanto, quando os elementos da identidade coletiva são questionados ou subestimados, um novo processo tem início: o surgimento das representações sociais. Elas surgem, para Moscovici (1978), como uma resposta do grupo às intervenções externas que põem em perigo sua identidade coletiva.

As representações sociais têm um caráter dinâmico e relacional à trajetória do grupo que a elaborou. Elas são fruto de um processo sempre atuante, desencadeado pelas ações coletivas dos indivíduos, mas estão implicados em parte nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo, no encontro com outros indivíduos ou outros grupos sociais. Como resultado, temos a ação dos indivíduos que é caracterizada pelas representações sociais que seu grupo elaborou (ARRUDA, 2002).

As representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas pelos integrantes dos grupos para explicar as relações estabelecidas entre si, com outros grupos e com o meio social. Isso ocorre mediante o caráter coletivo das ideias, histórias e experiências vividas por um grupo social específico e essa construção serve de orientação para a ação social (MINAYO, 1994).

Sendo assim, as representações exprimem aqueles que as forjam e dão ao objeto que representa uma definição específica. Essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas quotidianas, esse é

o caso da lavagem de carro, onde as realidades de grupos praticantes geralmente entram em conflito por causa das interpretações e significados que o mesmo grupo faz e tem da prática.

As representações sociais são criadas para tornar o não-familiar em familiar. Daí que para Moscovici, “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar” (MOSCOVICI, 1977 apud VIANA, 2008, p. 48). Esse processo de familiarização é realizado por meio da objetivação e da amarração. A objetivação busca tornar real, concreto, através de imagens, um esquema conceitual.

Ao elaborar as representações sociais, os indivíduos e seus grupos de pertença organizam imagens, histórias e linguagens coletadas de atos e situações que lhes são comuns. Ao vivenciar ou apenas ter conhecimento desses fatos da realidade e da natureza, eles procuram meios de reproduzi-los, porém as representações sociais não são meras reproduções da realidade, elas vão além, resultam de uma lógica natural em que os elementos são interpretados e passam por uma reconstrução, sendo-lhes atribuído um significado específico, cujos aspetos podem ser cognitivos, emocionais e afetivos. Deste modo, a realidade é conhecida, remodelada e representada, fazendo parte das relações cognitivas do grupo.

Concluída essa breve apresentação panorâmica das principais perspectivas teóricas em torno das representações sociais, a seguir, enfatiza-se a questão das estratégias quotidianas de sobrevivência.

Estratégias quotidianas de sobrevivência

De acordo com Silva (2010), um dos maiores problemas dos países em desenvolvimento, em particular Angola, é a distribuição interna dos recursos financeiros. Perante esta realidade, existem várias tentativas que as pessoas mais desfavorecidas procuram, para gerar rendimentos que assegurem a sua sobrevivência. E, por conseguinte, desenvolvem uma série de esquemas, intermediários financeiros, instituições, e não só, fora do setor financeiro formal. Segundo Silva, “estas práticas ocorrem assim, naquilo a que se designa por setor financeiro informal” (DUCADOS et al., 1998 apud SILVA, 2010, p. 42).

A expressão “estratégias quotidianas de sobrevivência” tem tido cada vez mais expansão na análise e descrição das realidades africanas. Ela não tem sido, no entanto, alvo de uma reflexão teórica que permita definir claramente a sua utilização, o que faz com que possa assumir interpretações diversas e seja utilizada normalmente a partir de uma noção retirada do senso comum.

A proposta de utilização do termo, especialmente no que se refere à sobrevivência, parte de um princípio central. Pois, falar apenas de estratégia de sobrevivência, não parece ser suficiente quando se trata de analisar as representações sociais e vivências que os jovens lavadores de carro do Largo António Jacinto fazem da prática da lavagem de carro em um contexto urbano específico. Por essa razão, preferimos utilizar a denominação estratégia quotidiana de sobrevivência, com o intuito de dar maior profundidade ao conceito e analisar as diferentes estratégias que os jovens lavadores utilizam para a construção da sua vida quotidiana.

A vida quotidiana é a vida do homem inteiro enquanto sujeito eminentemente social, dotado de ideias, princípios e conhecimentos. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. O homem participa na vida quotidiana com todos os aspetos de sua individualidade, de sua personalidade (HELLER, 2008).

Para Agnes Heller, a vida quotidiana é, em grande medida, heterogênea; isso sob várias perspectivas, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade.⁹ Sendo assim, o homem nasce inserido em sua quotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida quotidiana na sociedade. Esse amadurecimento para a quotidianidade começa sempre por grupos, e esses *face-to-face* estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores.¹⁰

Portanto, o homem, enquanto indivíduo, é um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano, sendo o representante de uma coletividade jamais deve se apresentar como uno, mas sempre como a integração (tribo, classe, nação, humanidade).

A característica dominante da vida quotidiana é a espontaneidade. A espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade quotidiana. Deste modo, a espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares quanto as atividades humano-genéricas que nela tem lugar (HELLER, 2008).

Segundo Heller (2008), na vida quotidiana, o homem atua sobre a base da probabilidade, da possibilidade, entre suas atividades e as consequências delas, existe uma relação objetiva de probabilidade. Jamais é possível, na vida quotidiana, calcular com segurança científica a

⁹ São partes orgânicas da vida quotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.

¹⁰ Para melhores esclarecimentos, veja, por exemplo, Agnes Heller (2008, p. 31)

consequência possível de uma ação. Nem tão pouco haveria tempo para fazê-lo na múltipla riqueza das atividades quotidianas (HELLER, 2008).

A utilização do termo “sobrevivência” isoladamente implica que se parta do princípio, ou pelo menos se transmita a ideia, de que os grupos e os indivíduos definem toda uma série de estratégias tendo em vista apenas a sua sobrevivência. No entanto, e como ficou claro com os trabalhos de Bourdieu (1992-1996), as estratégias, verificadas através das práticas quotidianas, inscrevem-se num princípio de aumento e melhoria das condições existenciais tendo em vista a reprodução. Sendo assim, a sobrevivência simples e a satisfação das necessidades básicas têm como pano de fundo uma lógica de reprodução, própria dos grupos sociais, que visa a perpetuação dos indivíduos e dos grupos e a melhoria das suas condições de vida.

Retomando o debate sobre estratégia, Costa e Rodrigues (2001, p. 115) argumentam que “o conceito de estratégia tem sido empregue para designar conjuntos de ações desenvolvidas por indivíduos particulares, grupos sociais, instituições e estruturas de diversos tipos”.

Geralmente, é em situações de carência e privação em que os indivíduos e grupos selecionam um conjunto de estratégias para a satisfação das necessidades mais elementares, especialmente, por não possuírem uma renda fixa ou acesso a diferentes recursos. Tais estratégias configuram-se como uma solução imediata à precariedade e pobreza, à ausência de políticas sociais de emprego, saúde e educação (SOUSA, 2014).

Tal como observam Costa e Rodrigues (2001), o conceito de estratégia de sobrevivência é aplicado nas descrições referentes ao quotidiano das populações de países africanos, indicando as diligências realizadas para a obtenção do sustento diário. Sendo assim, com base nas autoras podemos entender as estratégias quotidianas como um conjunto de lógicas e práticas, articulando o tradicional e o moderno, centradas nas vivências dos indivíduos, que proporcionam uma série de recursos, atividades e relações. As estratégias articulam e reinterpretam, integrando ou rejeitando, os dados e condições impostas pelas realidades sociais, políticas, económicas que se apresentam e se reconfiguram diariamente aos indivíduos.

Paulo de Carvalho (2008) enfatiza que as estratégias são determinadas por uma série de fatores, tais como: oportunidade que o meio oferece em termos de bens e serviços; os meios financeiros disponíveis para montar um negócio; grau de instrução e qualificação profissional dos indivíduos; aptidão física e disponibilidade de tempo (CARVALHO, 2008), podemos também destacar aqui, o capital social de que o indivíduo dispõe.

Considera-se que as atividades económicas do tipo informal são associadas para a reprodução e para a promoção do grupo familiar, cuja dispersão implica um conjunto de práticas

que integram atividades económicas, redes de solidariedade e outras formas de aquisição de recursos, de forma a potenciar as possibilidades de sobrevivência (RODRIGUES, 1997; COSTA, 2001).

Em seguida, apresenta-se uma discussão em torno dos dados extraídos das entrevistas realizadas com jovens lavadores.

Convivências e a maneira de se ver na lavagem de carro

Uma primeira análise dos dados obtidos nos permitem assinalar que as atividades realizadas anteriormente ofereceram uma compreensão geral do significado das representações sociais e das estratégias quotidianas de sobrevivência.

De um modo geral, as informações recolhidas, mediante as entrevistas realizadas e observação, permitem a constatação que os jovens que desenvolvem a lavagem de carro no Largo António Jacinto são socialmente originários de famílias do interior do país.

Nesse grupo de jovens, constatou-se casos frequentes de órfãos e filhos de famílias de baixa renda, o que de certo modo, justifica os seus níveis de escolaridade e preparação profissional. Pois, parte considerável dos entrevistados possui somente o primeiro ciclo concluído, e já não frequenta a escola, sendo muito raro, ver-se casos onde se consegue conciliar o exercício da atividade e os estudos.

Ao serem questionados acerca dos motivos que propiciam nas lides da lavagem de carro, a resposta expressa de forma concisa, que as pessoas envolvidas na lavagem de carro, fazem-no definitivamente pela situação de pobreza, desemprego e pela falta de apoio institucional, sendo à atividade acionada como uma estratégia quotidiana de sobrevivência a fim de se contornar as adversidades sociais por eles vivenciada.

"Foram as dificuldades da vida que me levaram ao exercício desta atividade. Quando comecei a lavar carro, já encontrei os outros aqui a lavarem carro, eu também me esforcei para aprender e começar a lavar (...), já encontrei meus amigos aqui. Foi um negócio que os meus amigos me inspiraram. Naquela altura 2004-2005 ainda havia um bocado de rendimento, não vamos falar muito, mas um bocadinho de rendimento, era no tempo das vacas gordas".¹¹

¹¹ Entrevista concedida por Lubiavanga. Entrevista IX. [Janeiro. 2018]. Entrevistador: Alexandre Francisco. Luanda, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo da monografia «Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no Largo António Jacinto (Luanda)», 2020.

A pobreza e a escassez de trabalho no mercado formal em Luanda, justifica-se pela falta de programas e políticas públicas capaz de absorver um grande número de jovens em idade ativa a curto ou médio prazo. É importante ainda salientar que, essa insuficiência de posto de trabalho formal, sobretudo em Luanda, acarreta consigo inúmeros problemas sociais, dentre os quais destacam-se: a delinquência juvenil, o alcoolismo, a gravidez precoce, a prostituição, a pobreza entre outros. Devido à escassez de trabalho formal, os jovens procuram, muitas vezes, diferentes mecanismos para contrapor essa insuficiência, e a solução é encontrada, muitas vezes, na lavagem de carro.

A lavagem de carro tem servido para o sustento familiar de uma parcela considerável de pessoas e, em determinados casos, constitui a única fonte geradora de renda. Observou-se que é sobretudo a necessidade que os estimula a exercer e permanecer nesta atividade, sendo ela ativada como um mecanismo de defesa visando a sobrevivência de vários jovens, com o principal intuito de contornar a vulnerabilidade e a pobreza. A atividade se destaca por ser um tipo de trabalho que facilita a entrada de qualquer indivíduo, não obriga nenhuma formação académica ou profissional, e também possui como característica primordial a heterogeneidade, pelo fato de reunir jovens que estão inseridos por vontade própria, e aqueles que foram forçados pelas circunstâncias da vida.

Sendo assim, o setor informal constitui para muitos do que nele se encontram, o conforto para aqueles que se sentiram durante muito tempo excluídos do grupo denominado de população economicamente ativa, tornando-se nesse sentido uma forma de inclusão, daqueles que acreditam e reconhecem como um espaço social, mediante o qual se torna conhecido e reconhecido o seu contributo para a sociedade em que vive.

A respeito da motivação que justifica a permanência dos jovens nesta atividade, a primeira está vinculada, tal como já foi mencionado, ao fato de terem uma garantia para o seu sustento e da sua família. Não obstante, chamam atenção, as inúmeras dificuldades que vivenciam quotidianamente. Uma segunda motivação, tem a ver com o fato de o homem ser o principal provedor de bens e recursos para o lar, já que é uma atividade exercida exclusivamente por homens.

Presos à precariedade e as necessidades, a lavagem dá-lhes uma ilusão de liberdade: sem limitações burocráticas, onde não há um controlo rígido das autoridades, horários brandos, e sobretudo que permita a sua sobrevivência e de seus dependentes.

Os jovens lavadores desenvolvem ideias empreendedoras, anseiam criar negócio ou uma forma alternativa de rendimento. Porém, quando conseguem valores avultados pago pelos

bosses¹² (como eles chamam), ignoram ou não levam em consideração o investimento. Em relação a esse aspeto, houve relato de pessoas que iniciaram a sua vida “laboral” na lavagem de carro, e hoje, são bem-sucedidos em outras atividades.

Num dia normal, realizam em média 4 a 5 lavagens. O preço oficial é 1000 kwanzas, porém é negociado com o cliente, e, é geralmente, pago a pronto serviço, exceto em alguns casos, em que lavam carro de clientes fixos, daqueles que trabalham no Largo dos Ministérios (Funcionários das instituições do largo, pessoas da sua confiança e cumpridoras de palavra). Estes clientes, fazem o pagamento semanalmente ou mensalmente tendo em conta as vezes que o carro é lavado.

A hora de início da atividade é variada. Também não existe um horário rigoroso para a chegada dos clientes. Porém, os lavadores chegam nas primeiras horas da manhã, isto por volta das 5/6 horas, e por sua vez, os clientes iniciam a chegar as 7/8 horas, pois, corresponde a hora de início das suas atividades laborais. Comumente, terminam as 15 ou muito mais tarde, dependendo de cada pessoa. Basicamente, cada lavador determina a sua hora de chegada ou regresso à casa, de acordo o programa que desenvolve com os seus clientes fixos.

*“Eu chego aqui mais tardar 7:30 quase 8 horas. Isso já vai consoante o trabalho que eu vou ter aqui. Há trabalho que possa me levar das 7 horas até mais tardar 15h paro, até me preparar 16 horas”.*¹³

*“Bem dizer, a hora apropriada começa 8 horas, essa é hora do Estado. No Diário da República disseram que 8 horas é que é hora, 15 horas é que hora do fechamento. (...) Eu paro a hora que eu quiser”.*¹⁴

Quanto a relação estabelecida entre cada jovem lavador, a realidade demonstrou que a ligação é muito boa em função do grau de parentesco ou pelo fato de serem conterrâneos. De acordo com Santos (2010), a criação de redes de contato e vizinhança com base no parentesco, com pessoas de proveniência do mesmo espaço sociocultural, manutenção dos hábitos alimentares, e o falar a língua do grupo etnolinguísticos de origem são as formas mais evidentes de manifestação de laços de “etnicidade”.

Tal como enfatiza Rodrigues, as redes de entreajuda ou relações de trabalho não estão garantidas à partida e apenas pelo simples fato de os indivíduos pertencerem a uma empresa ou

¹² Designação da gíria Luandense que se refere a qualquer indivíduo que tenha posses ou não, como forma de estimulá-lo aderir à lavagem de carro.

¹³ Entrevista concedida por Tungané. Entrevista II. [Dezembro, 2017]. Entrevistador: Alexandre Francisco. Luanda, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo da monografia «Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no Largo António Jacinto (Luanda)», 2020.

¹⁴ Entrevista concedida por Lubiavanga. Entrevista IX. [Janeiro, 2018]. Entrevistador: Alexandre Francisco. Luanda, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo da monografia «Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no Largo António Jacinto (Luanda)», 2020.

um grupo de trabalho (RODRIGUES, s. d.). Por esse motivo, não obstante estarem inseridos no mesmo ambiente de trabalho, existe uma ramificação entre os jovens lavadores. A primeira noção desse fenômeno, ficou evidente pelo fato da comunicação ser feita frequentemente em língua nacional, falada na sua região de origem, o umbundu.¹⁵ A segunda ideia manifesta, tem a ver com a associação dos lavadores em pequenos núcleos de contrerrâneos.

Sendo assim, a relação de amizade e solidariedade não é universal devido a pertença há grupos etnolinguísticos distintos. Um grupo vai discriminando o outro, usando muitas vezes expressões depreciativas como: “emigrantes” “benguelenses”.¹⁶

“O benguelense fica assustado porque ele não é daqui, é emigrante, faz e vai embora. As vezes ficam assustados com as coisas que ele nunca viu lá em Benguela e vê aqui. Os novatos estão na parte inicial das bombas (Hospital Militar), os antigos estão aqui no partido (MPLA). Os primeiros lavadores de carros são mesmo luandenses. Os benguelenses vieram aqui como engraxadores naquele tempo, então eles apanharam pata e começaram a lavar os carros”. [Conversa informal com João Tomás, Lavador]

O momento das refeições constitui uma boa oportunidade para ampliar os laços sociais. O repasto, geralmente, é realizado de forma coletiva, mas sempre entre os membros do mesmo grupo. É nestas circunstâncias que sobressaem, muitas vezes, a cooperação, colaboração, solidariedade e responsabilidade mútua. Habitualmente, as refeições ocorrem em locais impróprios para o consumo de alimentos, em sítios, onde há poucas condições sanitárias, rodeado por lixo ou poeira, que na maior parte das vezes é produzido pelos mesmos.

As principais representações sociais da atividade referidas pelos lavadores associam o trabalho de lavagem à criminalidade e à destruição dos asfaltos, além da aparência de miséria que suas vestimentas denotam. Portanto, são os lavadores muitas vezes mal conotados devido a comportamentos desviantes de determinados indivíduos que exercem atividade no mesmo local.

Por outro lado, os lavadores fizeram menção a uma vasta discriminação, desvalorização de que são alvos.

“Uns valorizam o nosso trabalho, uns discriminam. Esses para mim são como se fossem analfabetos, burros. Porque nem todo mundo que está lá em cima nasceu rico, outros

¹⁵ Umbundu é uma língua bantu falada pelos ovimbundos, povo originário das centrais de Angola. É uma das línguas bantus mais faladas em Angola. O principal grupo étnico que utiliza é o dos ovimbundos, que se concentra no centro-sul do país.

¹⁶ Refere-se a pessoa natural ou habitante de Benguela, Província de Angola.

*também passaram por necessidades, alguns também lavaram carros, engraxavam sapatos, outros estão distantes, nós não podemos ignorar ninguém”.*¹⁷

Apesar de um certo preconceito, os lavadores também contam com o respeito e valorização de algumas pessoas durante a sua jornada de trabalho: *“As pessoas olham normalmente. Só dizem, está a trabalhar, está bom. Porque somos jovens, e temos que dar o contributo para o nosso país”.*¹⁸

Os lavadores do Largo António Jacinto, se vêem como pessoas “normais” que exercem um trabalho que lhes confere uma certa dignidade. Para eles, a vantagem desta atividade se restringe, a liberdade no trabalho, autonomia, ao contato permanente com a natureza e o fato de terem trabalho garantido.

Conclusão

Ao longo do presente artigo, procuramos nos debruçar sobre as representações sociais e estratégias quotidianas de jovens lavadores de carro no Largo António Jacinto, em Luanda. Trata-se de um estudo teórico e prático, onde utilizamos o método qualitativo, assente em entrevistas semiestruturadas e observações diretas.

O estudo aponta, que ser lavador de carro em Luanda, é ir a busca de dignidade. De um indivíduo que mesmo com as dificuldades insiste em pertencer ao circuito econômico da cidade, em vez de se esconder ou se auto excluir. Ser lavador pode, enfim, ser uma posição de resistência. Neste sentido, direi que ser lavador de carros é uma posição de resistência mais vincada nuns do que noutros, mas que parece, de fato, ser muito evidente na postura de alguns indivíduos para os quais o desempenho eficaz da tarefa não só procura alcançar a obtenção da moeda, mas também impor alguma dignidade ao próprio sujeito que não se resigna às expectativas sociais.

Verifica-se desse modo, a presença de um discurso sobre a atividade permeado por descontentamento, que aponta a mobilização dos jovens lavadores em torno de um significado

¹⁷ Entrevista concedida por Bebito. Entrevista I. [Dezembro, 2017]. Entrevistador: Alexandre Francisco. Luanda, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo da monografia «Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no Largo António Jacinto (Luanda)», 2020.

¹⁸ Entrevista concedida por Tungané. Entrevista II. [Dezembro, 2017]. Entrevistador: Alexandre Francisco. Luanda, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo da monografia «Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no Largo António Jacinto (Luanda)», 2020.

que, de certa forma, os agrega como unidade social reflexiva, ao definir ameaças. Este seria um consenso funcional entre o grupo.

Embora os jovens não apontem diretamente, é importante ressaltar que as mudanças que têm ocorrido nos mais vários setores da sociedade angolana, não têm sido acompanhadas de políticas públicas que envolvam, de uma forma transparente e significativa, os grupos vulneráveis e marginalizados. Portanto, é bem verdade que maior parte dos trabalhadores informais, particularmente, os lavadores de carro, padecem pela exclusão, desigualdade e insegurança social. A sua maioria encontra-se também excluída em relação ao acesso a qualquer tipo de crédito, visto que, para tal, as diferentes entidades, exigem a comprovação de renda ou a folha salarial, e os jovens, não possuem estes documentos devido o tipo de atividade que exercem.

A pesquisa aponta também que os motivos que justificam à inserção na lavagem de carro são: a pobreza, o desemprego e a falta de apoio institucional. Sendo assim, o agudizar da pobreza, é consequência direta do aumento do desemprego da população economicamente ativa. Neste sentido, os resultados deste estudo revelam que grande maioria dos jovens envolvidos na lavagem de carro, fazem-no definitivamente como uma estratégia quotidiana de sobrevivência, acionada quando sentem-se encurralados pela escassez de emprego, pobreza ou pela falta de apoio institucional.

Por um lado, esta escassez de trabalho formal, encontra as suas raízes na falta de programas e políticas públicas capazes de absorver um grande número de jovens em idade ativa a curto ou médio prazo. É importante ainda salientar que, essa insuficiência de postos de trabalho formal em Luanda, acarreta consigo inúmeros problemas sociais, dentre os quais: a delinquência, o alcoolismo, a gravidez precoce, a prostituição, entre outros. Por outro, temos que envolver também a pouca formação académica e profissional dos jovens, como motivo para inserção à lavagem de carro, pois, diante das transformações ocorridas no mundo do trabalho, originaram-se novas exigências e competências para o acesso ao emprego que muitas vezes os jovens não possuem.

O que se percebe é que, a relação de amizade e solidariedade não é universal entre os jovens lavadores de carro, devido sobretudo a pertença há grupos etnolinguísticos distintos. Porém, o momento das refeições constitui uma boa oportunidade para ampliação os laços sociais. A refeição, geralmente, é realizada de forma coletiva entre os membros do mesmo grupo. É nestas circunstâncias que sobressaem, muitas vezes, a cooperação, colaboração e a solidariedade grupal.

Referências bibliográficas

ARRUDA, Angela. Subjectividade, mudanças e representações sociais, *In*: FURTADO, O.; GONZÁLES REY, F. (eds.) **Por uma epistemologia da subjectividade um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002. p. 65-75.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução Maria Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

CARVALHO, Paulo. **Exclusão social em Angola**: O caso dos deficientes físicos de Luanda. Luanda: Kilombelombe Limitada, 2008.

COSTA, Ana; RODRIGUES, Cristina. **Estratégias de Sobrevivência de famílias em Luanda e Maputo**. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6331>> Acesso em: 9 dez. 2017.

COSTA, Bruto. **Exclusões Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1998.

DUCADOS, Henda Lucia; FERREIRA, Manuel Ennes. O financiamento informal e as estratégias de sobrevivência económica das mulheres em Angola: a Kixikila no município do Sambizanga (Luanda). *In*: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 5., 1998, Maputo. **Documentos de Trabalho** [...]. Universidade de Lisboa: Lisboa, 1998.

FRANCISCO, Alexandre. **Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens lavadores de carro no Largo António Jacinto em Luanda**. Monografia (Licenciatura em Sociologia) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto, Luanda, 2020.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (org.). **Métodos de pesquisas**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Coutinho; Leandro Konder. 8ª ed, São Paulo: Paz e terra, 2008.

INE. **Resultados definitivos do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014**. Luanda: INE, 2016.

LOPES, Carlos. “Elementos para a compreensão do sector informal urbano nos Países em desenvolvimento: anotações sobre o retalho informal em Luanda e Maputo”, comunicação apresentada ao colóquio África – Populações, ambiente e desenvolvimento, Lisboa: ISCSP, 1999. *In*: LOPES, Carlos. **Luanda Cidade Informal? Estudo de caso sobre o Bairro Rocha**. Lisboa: ISCTE, s. d. p. 101-112.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *In*: GUARECHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**: resultados da pesquisa de opinião e análise teórica. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

RODRIGUES, Cristina. **Empresa e Reprodução**: contributos de um caso angolano, tese de mestrado em Estudos Africanos, Lisboa: ISCTE, 1997. 162p.

SANTOS, Orlando. **“Do pregão da Avó Ximinha” ao grito da Zungueira**: Trajetórias femininas no comércio de rua em Luanda. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SILVA, Edna; MENEZES, Estera. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de ensino à distância da UFSC, 2001.

SILVA, Omarildo. **O impacto da economia informal no processo de desenvolvimento na África subsariana**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2010.

SOUSA, Florival. **Entre a vulnerabilidade e o enfrentamento**: jovens actores na economia informal da cidade de Luanda. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

VIANA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. São Paulo: Edusc, 2008.